

Xadrez com John Cage

JOCY DE OLIVEIRA

Folha de S.Paulo, 15/06/2014

Em 1985, John Cage (1912-92) esteve pela última vez no Brasil, convidado pela Bienal de São Paulo e por mim, para assistir no Rio de Janeiro à estreia mundial de sua peça para piano "ASLSP" –que tive a honra de executar.

Antes de viajar para o Rio, Cage havia estado em São Paulo. Ele nos contaria depois o fiasco da empreitada para conseguir um hotel com fogão e comida macrobiótica –além de suas primeiras impressões no destino.

"Ao chegar a São Paulo, levaram-me a um concerto sem pé nem cabeça de um homem barbudo, com longos cabelos brancos, tocando uma música que doía nos ouvidos de tão forte, e após esse desastre ainda me arrastaram para comer uma comida preta chamada feijoada!" -mais tarde descobri que o barbudo era o compositor e músico popular Hermeto Pascoal.

Chegando ao Rio de Janeiro, ele passou vários dias em nosso sítio em Guaratiba e, sendo macrobiótico, costumava ensinar à cozinheira suas receitas especiais – ainda exigindo que usássemos somente panelas de ferro.

Nós estávamos habituados a uma dieta integral e orgânica e, além disso, não abdicávamos de um peixe fresco, pescado pela manhã, comprado diretamente do pescador, o que é delicioso. Cage passou a incrementar sua comida macrobiótica com o peixe.

Em nossa casa, o colchão em que ele dormia –assentado nas antigas camas estilo dona Maria– era de crina de cavalo. Assim, semanas depois, ao voltar para Nova York, ele me ligou e disse sem preâmbulos: "Comprei o colchão".

Ele havia feito uma verdadeira pesquisa por toda a cidade para conseguir outro colchão de crina, que aparentemente era excelente para sua artrite, assim como para a do coreógrafo Merce Cunningham (1919-2009), seu companheiro.

Para a vinda de Cage, organizei na Sala Cecília Meireles, na capital fluminense, um grande concerto de suas obras, com a participação de outros músicos brasileiros tocando em dez pianos espalhados pelo teatro –além do principal motivo de sua vinda, a estreia de "ASLSP" ("As Slow as Possible"), para piano solo, a meu cargo.

Eu continuava a estudar a peça em casa, enquanto ele ia fazer caminhadas e catar conchinhas em frente ao sítio, na praia da Restinga da Marambaia.

Além disso, passava os dias jogando xadrez com meu companheiro, Fredrik, que um dia perguntou a Cage quem tinha sido seu professor no jogo. Ele respondeu: "Bobby". Quem? –perguntou de volta Fredrik. "Ora, Bob Fischer" –campeão mundial de xadrez. Parece que Cage jogava como vivia e compunha –sempre deixando margem ao acaso.

O concerto me deu enorme trabalho, mas ele continuava a jogar xadrez sem se abalar com nada.

"As Slow as Possible" é uma peça para piano que pode durar alguns minutos ou anos, como diz o título – "o mais lento possível" ... O título também se refere a "Soft morning, city! Lsp!" (mansa manhã, urbe minha! Lbs!, na tradução brasileira de Donald Schöler), a primeira exclamação no último parágrafo do livro "Finnegans Wake", de James Joyce.

Quando Cage deixou o Rio, já no aeroporto, ao despedir-se de mim, disse: "Eu nunca tinha ouvido essa peça... Acho que muitas de minhas peças vão morrer comigo, mas creio que essa é uma das que sobreviverão". Será que ele se desviava do efêmero e começava a refletir sobre o perene? Isso me leva a pensar em resgatar nossas histórias para que se entrelacem e teçam nossa memória.

JOCY DE OLIVEIRA, 78, é compositora e pianista. Lança o livro "Diálogo com Cartas" (Sesi-SP), sua correspondência inédita com grandes músicos do século 20, em 29/7, no Oi Futuro Flamengo, no Rio.